




CAPÍTULO 25

 <https://doi.org/10.58871/ed.academic.00025.v1>

CONHECIMENTOS E COMPORTAMENTOS SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANOS ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES

KNOWLEDGE AND BEHAVIOR ON HUMAN PAPILOMAVIRUS AMONG TEENAGERS STUDENTS

YROAN PAULA LANDIM

Enfermeiro egresso da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

FLORACY STABNOW SANTOS

Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

MARCELINO SANTOS NETO

Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

CAROLINE BARBOSA DE ARAÚJO

Discente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

JANAÍNA RIBEIRO DA SILVA

Discente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

KEMBORY GONÇALVES DOS SANTOS

Enfermeira egressa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

LAINY RIBEIRO DOS SANTOS

Enfermeira egressa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RAIDANES BARROS BARROSO

Enfermeiro mestre em Saúde e Tecnologia pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RAFAELA CRISTINE LIMA DE SOUZA

Enfermeira egressa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

ANA CRISTINA PEREIRA DE JESUS COSTA

Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO

O início cada vez precoce da atividade sexual colabora para elevar a vulnerabilidade de adolescentes a problemas sexuais, como o papilomavírus humano (HPV) e outras infecções

sexualmente transmissíveis (IST). Assim, este estudo analisou conhecimentos e comportamentos sobre o HPV entre adolescentes escolares. Foi realizado um estudo transversal, descritivo cujo público alvo foram adolescentes de uma escola pública de ambos os sexos, matriculados e frequentando as aulas. O estudo baseou-se na aplicação de um questionário auto explicativo dirigido a alunos do ensino médio, entre 14 a 18 anos de idade, de uma instituição pública de ensino de Imperatriz, Maranhão. As questões versavam sobre conhecimentos acerca das formas de transmissão, complicações e prevenção do HPV, e características da iniciação e do comportamento sexual dos adolescentes. Os resultados analisados mostraram que 50,4% dos adolescentes disseram receber na escola informações sobre HPV; quanto às formas de prevenção do HPV, 53,8% disseram ser o preservativo e 38,7% também informaram saber que a vacinação também previne do vírus; o modo de transmissão do HPV mais citado por 84,9% foi por meio das relações sexuais sem preservativos; sobre o comportamento sexual, 16,0% mencionaram ter tido a primeira relação sexual aos 15 anos; 42,0% referiram que o (a) parceiro (a) da última relação sexual foi o (a) namorada(o)/ noiva(o); acerca da prática do sexo seguro, 70,6% dos entrevistados referiram praticá-lo por meio do uso de preservativo. Conclui-se que a maioria dos adolescentes demonstrou-se corretamente informada quanto aos conhecimentos relacionados à transmissão e prevenção do HPV, referindo manter práticas sexuais com uso de preservativos.

Palavras-chave: Adolescência; Comportamento sexual; Papilomavírus humano.

ABSTRACT

The increasingly early onset of sexual activity contributes to increasing the vulnerability of adolescents to sexual problems, such as the human papillomavirus (HPV) and other sexually transmitted infections (STIs). Thus, this study analyzed knowledge and behaviors about HPV among school adolescents. A cross-sectional, descriptive study was carried out whose target audience were adolescents from a public school of both sexes, enrolled and attending classes. The study was based on the application of a self-explanatory questionnaire addressed to high school students, between 14 and 18 years of age, from a public educational institution in Imperatriz, Maranhão. The questions were about knowledge about the forms of transmission, complications and prevention of HPV, and characteristics of initiation and sexual behavior of adolescents. The analyzed results showed that 50.4% of the adolescents said they received information about HPV at school; as for ways to prevent HPV, 53.8% said they were using condoms and 38.7% also reported knowing that vaccination also prevents the virus; the most cited mode of HPV transmission by 84.9% was through sexual intercourse without condoms; about sexual behavior, 16.0% mentioned having had their first sexual intercourse when they were 15 years old; 42.0% reported that the partner of the last sexual intercourse was the girlfriend/fiancée; about the practice of safe sex, 70.6% of respondents reported practicing it through the use of condoms. It was concluded that most adolescents were correctly informed about knowledge related to the transmission and prevention of HPV, referring to maintaining sexual practices with the use of condoms.

Keywords: Adolescence; Sexual behavior; Human papillomavirus.

1. INTRODUÇÃO

O Papilomavírus Humano (HPV) é um vírus responsável por infectar células epiteliais e desenvolver verrugas genitais e cânceres de útero, pênis e ânus. Estima-se que haja em torno de 120 tipos de vírus, e destes, 36 podem infectar o sistema genital masculino e feminino (TEIXEIRA et al, 2015).

As meninas adolescentes possuem, biologicamente, fragilidade do epitélio do colo do útero, quando comparado ao colo de mulheres mais maduras, sendo mais suscetíveis a adquirir infecções. Processos agressivos crônicos ao colo uterino, ligados a fatores de risco, podem ocasionar complicações evolutivas dos diferentes estágios de maturação das células metaplásicas, presentes na zona de transformação. As células do epitélio cilíndrico endocervical são expostas ao meio ambiente vaginal, cuja exposição favorece a proliferação de células jovens, mais receptivas à infecção por HPV (QUINTERO et al, 2013; ROSEN et al, 2015).

A principal forma de transmissão do HPV advém do contato com a pele infectada, através das relações sexuais. Estudos ratificam haver presença, embora rara, de tipos do vírus na laringe, pele e esôfago. Ademais, existem fatores associados que colaboram para aumentar a vulnerabilidade ao vírus, como, baixa idade, ser do de sexo feminino, não usar preservativo no contato sexual, predisposição genética, múltiplos parceiros e diversidade de práticas sexuais (BOYCE; HOLMES, 2012; QUINTERO et al, 2013; ROSEN et al, 2015; PELIZZER et al, 2016).

Em todo o mundo, 85% dos óbitos causados pelo HPV ocorrem nos países em desenvolvimento. No Brasil, é a quarta causa de morte em mulheres por câncer, sendo previstos 685.400 novos casos anualmente. Saliente-se ainda, que a sua prevalência é em torno de 30% nos menores de 25 anos e que os tipos de HPV estão relacionados há pelo menos, 10 a 15% dos cânceres que afetam homens e mulheres. Adolescentes que já tem atividade sexual possuem as taxas mais elevadas de infecções por HPV, entre 50 e 80%, a partir de dois a três anos do início das relações sexuais (SEPULVEDA-CARRILLO et al, 2014).

A magnitude destas informações demonstra a importância do conhecimento acerca da prevenção do HPV que ocorre, sobretudo, através da suspensão da cadeia de transmissão, efetivada pela prevenção da infecção e eliminação das lesões ocasionadas. Por conseguinte, ações educativas que levem ao conhecimento sobre os fatores de risco relacionados ao comportamento sexual são essenciais para o controle da transmissão (QUINTERO et al, 2013; ROSEN et al, 2015).

A utilização do preservativo nas relações sexuais é uma das principais estratégias de conhecimento e comportamento para reduzir a contaminação pelo HPV, todavia não extingue o risco. A recente disponibilização no Sistema Único de Saúde (SUS) para adolescentes de 9 a 14 anos do sexo feminino e de 11 a 15 anos do sexo masculino, da vacina HPV quadrivalente, é mais uma estratégia preventiva, especialmente quando administrada no início da vida sexual, onde há adequada resposta imune (CHEHUEN et al, 2016).

Fato é que o conhecimento de que a vacina não modifica o curso da infecção já instalada, contudo protege das cepas virais às quais o adolescente ainda não entrou em contato, torna relevante a importância de que seja administrada antes do início da atividade sexual. Apesar da sua importância na prevenção às infecções causadas pelo HPV, nota-se ainda, resistência de pais e também dos próprios adolescentes na adesão à vacinação (PELIZZER et al, 2016).

Deste modo, a ausência de prevenção, colabora para disseminar a infecção entre os adolescentes, elevando o quantitativo de contaminados, logo, um problema de saúde pública. Contíguo à problemática da não adesão às formas de prevenção do HPV, tem-se o desconhecimento sobre o vírus, os sinais e sintomas da infecção, relação com o câncer e as formas de transmissão. Assim, conhecimentos inadequados sobre o HPV podem contribuir para a elaboração de concepções errôneas, as quais podem intervir negativamente no comportamento sexual do adolescente portador do vírus e de seus parceiros sexuais.

Observa-se, pois, que a ausência de conhecimentos sobre as formas de transmissão do HPV pode mascarar uma infecção que se manifesta de modo latente, sem que haja o desenvolvimento das lesões, prejudicando o diagnóstico precoce (COSTA; GOLDENBERG, 2013; TEIXEIRA et al, 2015). A compreensão sobre a importância da infecção por HPV e os riscos de desenvolvimento de lesões cancerígenas em adolescentes ainda é pequena, sobretudo entre os próprios adolescentes. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar conhecimentos e comportamentos sobre o HPV entre adolescentes escolares.

2. METODOLOGIA

Realizou-se um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa, que visou acessar a faixa etária de adolescentes. Por uma questão de conveniência, a investigação concentrou-se em uma Escola Estadual de Ensino Médio do Município de Imperatriz - MA, que congrega há cerca de três meses atividades educativas do Projeto de Extensão 'Adolescência: sua natureza e seus conflitos', desenvolvido por acadêmicas de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão.

O levantamento foi realizado entre os meses de maio à junho de 2017, junto a adolescentes escolares, de ambos os sexos e matriculados na escola do primeiro ao terceiro anos, com a finalidade de obter informações acerca de conhecimentos e comportamentos sobre HPV. Inicialmente, pensou-se em incluir na pesquisa todos os 413 adolescentes matriculados na escola. Entretanto, apenas 119 adolescentes concordaram participar. Assim, todos os adolescentes incluídos nos critérios de elegibilidade foram previamente convidados a participar da pesquisa. Adolescentes com necessidades físicas especiais (limitação auditiva, visual e/ou cognitiva) foram excluídos, já que a pesquisa não foi adaptada para este público.

Os dados foram coletados a partir de questionário auto aplicado composto por questões fechadas, de múltipla escolha, elaboradas pela pesquisadora, com base em evidências da Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira (PCAP) 2008 (BRASIL, 2011). O instrumento foi aplicado, pela própria pesquisadora, em sala de aula, sendo garantido o sigilo das informações. Desta forma, participaram da pesquisa 119 adolescentes escolares.

As variáveis levantadas através do questionário incluíram conhecimentos sobre formas de transmissão e prevenção sobre HPV e comportamentos sobre o vírus. Os dados foram processados no Excel 2010 e transportados para análise descritiva no software estatístico SPSS versão 16.0.

Na análise dos dados dos conhecimentos e comportamentos dos adolescentes acerca do tema abordado, utilizou-se a distribuição de frequências relativa e absoluta.

Os adolescentes que concordaram em participar da pesquisa, apresentaram o termo de assentimento livre e esclarecido e o termo de consentimento livre e esclarecido assinados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão, sob parecer nº 1.000.408, atendendo a todos os requisitos legais para estudos com seres humanos seguindo a Resolução 466/2012.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi caracterizada na faixa etária de 14 a 18 anos, cuja maioria era do sexo feminino (69,7%), solteiro (a) sem parceiro fixo (53,8%) e com rendimentos mensais familiar de até dois salários mínimos (44,5%).

Quanto às informações sobre HPV recebidas na escola, 60 (50,4%) dos adolescentes relataram receber. Quando questionados sobre as formas de prevenção do HPV, 64 (53,8%) disseram ser o preservativo, e apenas 46 (38,7%) informaram saber que a vacinação também

previne. Identificou-se, que o modo de transmissão do HPV mais citado pelos pesquisados 101 (84,9%), é por meio das relações sexuais, destacando-se a menção de que o principal risco desta transmissão para 69 (58,0%) é não usar preservativos. Ainda, dentre as complicações do HPV, 74 (62,2%) disseram ser o câncer de colo de útero (Tabela 1).

Tabela 1 - Conhecimentos sobre HPV de adolescentes escolares (n=119), Imperatriz - MA, 2017.

Variável	n	%
Informações sobre HPV na escola		
Sim	60	54,4
Não	59	49,6
Formas de prevenção do HPV		
	64	53,8
Preservativo	46	38,7
Vacinação	06	5,0
Anticoncepcionais	02	1,7
Outro	01	0,8
Nenhuma		
Modos de transmissão do HPV		
	101	84,9
Relações sexuais	03	2,5
Talheres compartilhados	02	1,7
Pele	01	0,8
Conviver no mesmo espaço	03	2,5
Outro	09	7,6
Não sabe		
Risco de transmissão do HPV		
	69	58,0
Não usar preservativos	30	25,2
Múltiplos parceiros sexuais	16	13,4
Atividade sexual precoce	04	3,4
Espirros		
Complicações do HPV		
	74	62,2
Câncer de colo do útero	07	5,9
Câncer de pênis	03	2,5
Câncer de intestino	03	2,5
Câncer de pele	03	2,5
Não sabe	32	26,9

Fonte: Autoria própria.

Em relação à atividade sexual dos adolescentes participantes, 68 (57,1%) relataram vida sexual ativa; destes, 19 (16,0%) mencionaram ter a primeira relação sexual aos 15 anos. Quanto ao parceiro da última relação sexual, 50 (42,0%) disseram ser namorada(o)/ noiva(o); acerca da prática do sexo seguro, 48 (70,6%) dos entrevistados referiram praticá-lo por meio do uso de preservativo (Tabela 2).

Tabela 2 - Comportamentos sobre HPV de adolescentes escolares (n=119), Imperatriz - MA, 2017.

Variável	N	%
Já teve relação sexual		
Sim	68	57,1
Não	43	36,1
Não respondeu	08	6,7
Idade da primeira relação sexual		
10 anos	04	3,4
11 anos	03	2,5
12 anos	02	1,7
13 anos	09	7,6
14 anos	18	15,1
15 anos	20	16,8
16 anos	09	7,6
17 anos	03	2,5
18 anos	04	0,8
Não tiveram relação sexual	51	42,9
Parceiro da última relação sexual		
Namorada(o)/ noiva(o)	50	42,0
Companheira(o)/marido	33	27,7
Parceira(o) casual	04	3,4
Ficante	05	4,2
Rolo	20	16,8
Outro	07	5,9
Uso de preservativo na última relação sexual (n=68)		
Sim	48	70,6
Não	20	29,4
Recebeu a vacina contra HPV		
Sim	56	47,1
Não	59	49,6
Não respondeu	04	3,4

Fonte: Autoria própria.

Embora a maioria dos adolescentes participantes tenha referido receber informações sobre o HPV na escola, uma proporção considerável de adolescentes apresentou informações inadequadas acerca do vírus e das consequências da infecção. Em concordância à literatura, o conhecimento sobre o HPV é inadequado para muitas pessoas de distintas faixas etárias (DAHLSTRÖM et al, 2012; FRANCO et al, 2012; FREGNANI et al, 2013).

Em outros estudos, adolescentes que disseram possuir conhecimentos sobre o HPV revelaram que obtiveram esse conhecimento em consultas ao ginecologista e através da internet (ROSA; MOHAMMADI, 2014; HAYON et al, 2015). Outra pesquisa, realizada também com

adolescentes, demonstrou que pequena proporção dos participantes referiu ter recebido de familiares conhecimentos sobre o HPV (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010). Isso reafirma que ainda existem barreiras para o diálogo entre pais e filhos, no que diz respeito às questões de sexualidade.

Estes achados reforçam a necessidade de intervenções que propiciem conhecimentos corretos sobre o HPV e métodos preventivos (MARLOW et al, 2012). Conforme Silva; Discacciati (2013), o HPV é uma infecção sexualmente transmissível (IST) bastante prevalente, portanto, é importante investir na informação de todas as parcelas da população, especialmente na parcela jovem sexualmente ativa.

Considerando que a ausência de conhecimentos contribui diretamente para elevar a vulnerabilidade a essa infecção, as intervenções na temática HPV devem desenvolver nos adolescentes o aumento do conhecimento, bem como o desejo de se prevenir, ponderando valores individuais, sociais, culturais e perspectivas sobre os tipos de relacionamentos esperados pelos adolescentes (JURBERG et al, 2015).

Intervenções educativas que abram espaços de compartilhamento de conhecimentos entre os adolescentes devem ser vistas como de grande oportunidade para a prevenção e o enfrentamento ao HPV. A favor disto, autores reiteram que a escola, espaço de partilha diária dos adolescentes, opera de forma expressiva na concepção de opiniões, logo, é uma referência para a prática de programas de educação em saúde específicos (BOYCE; HOLMES, 2012; COSTA; GOLDENBERG, 2013). Desta forma, as políticas públicas de promoção da saúde do adolescente devem ser fortalecidas ao estabelecer parceria com as instituições de saúde, para transformar esse espaço em um ambiente contínuo de atenção à saúde.

A escola é um ambiente favorável para esta discussão de temas ligados à sexualidade, visto que em muitas ocasiões são tidos como tabus no seio familiar. Logo, assume a função na produção de conhecimentos adequados, que permitam aos estudantes apreenderem novas experiências de autocuidado por sua saúde (NUNES et al, 2016).

O estudo detectou resultados precoces na idade de 14 à 15 anos da primeira relação sexual, próximos aos encontrados em outras investigações (TRONCO; DELL'AGLIO, 2012; PANOBIANCO et al, 2013; ROSEN et al, 2015). A iniciação sexual precoce é preocupante, uma vez que a imaturidade dos tecidos genitais favorece a infecção por HPV (FERREIRA et al, 2013). As meninas adolescentes, por exemplo, são ainda mais vulneráveis, devido ao fato de que na zona de transformação da cérvice as células colunares podem passar por metaplasia escamosa. Aliado a isto, a reduzida produção de muco cervical inerente na adolescência é um fator biológico de risco para a infecção pelo HPV (HAYON et al, 2013).

Em consonância a esse resultado, estudos conduzidos demonstram que um dos principais comportamentos na adolescência para afirmar sua autonomia é a primeira relação sexual, onde passam a vivenciar a sua sexualidade de maneira mais liberal (FERREIRA et al, 2013; SEPULVEDA-CARRILLO; GOLDENBERG, 2014.). Atualmente, a iniciação sexual é cada vez mais precoce, por volta dos 15 anos. Assim, a escolha do momento para iniciar a vida sexual é distinta para homens e mulheres, contudo, é definida devido a curiosidade e pressão exercida pelos pares/parceiro (a) (FREGNANI et al, 2013).

Ademais, desde a década de 80 os adolescentes mantêm seus relacionamentos amorosos de maneira distinta da vivenciada pelas gerações anteriores, o que pode ser averiguado através da diversidade nos modos atuais de relacionamentos, como por exemplo, a multiplicidade de parceiros sexuais, contribuindo para a aquisição da infecção por HPV (COSTA et al, 2013).

Na adolescência, a não adesão às formas preventivas do HPV, associada à iniciação sexual precoce, necessidade de afirmação grupal envolvendo-se em comportamentos de experimentação arriscada, fazem desta população mais suscetível às IST. Além do fator emocional, toda IST ocasiona lesões e inflamações nas mucosas e na pele ao redor dos genitais e aumentam a probabilidade de infecção por HIV em pelo menos dez vezes (FRANCO et al, 2012).

Os resultados do presente estudo apontam compreensão dos adolescentes acerca das principais formas de transmissão do HPV e importância do uso de preservativos na prevenção às infecções causadas por este vírus. Tal resultado está em conformidade a outras investigações na temática, as quais inferem aumento, ainda que discreto na utilização do preservativo pelos adolescentes nas relações sexuais (SANCHES et al, 2013; LUIZA et al, 2016).

A literatura destaca também que quando o (a) adolescente utiliza o preservativo na prática sexual, compreende esta importância em virtude dos altos índices de IST/HIV e gravidez na adolescência, enfatizados frequentemente na mídia (JUDITH et al, 2014; MOLA et al, 2017).

Não utilizar preservativos continua sendo um dos principais fatores que tornam os adolescentes vulneráveis à IST, portanto, o comportamento individual é fator determinante para a vulnerabilidade ao HPV, ponto importante a ser trabalhado em intervenções educativas. Saliente-se, que o HPV é uma IST considerada grave em todo o mundo, uma vez que é responsável dentre outros tipos de cânceres pelo câncer de colo do útero, justificando, pois, o foco de ações no indivíduo (JUDITH et al, 2014; TERUMI et al, 2015).

As alterações descobertas em exames de adolescentes são conhecidas como lesões de baixo grau, que, em alguns casos, regredem espontaneamente mesmo que não sejam tratadas. Contudo, não se pode ignorar o fato de que o risco de progressão para lesão de alto grau e

carcinoma quando não tratadas as lesões provocadas por HPV é de alto risco (MACÊDO et al, 2015). A primeira infecção acontece logo no início da atividade sexual, de tal modo que a chamada janela temporal entre o começo da infecção e as alterações citológicas e histológicas é variável, relacionando se com carga viral do HPV, fatores ambientais e imunidade (COSER et al, 2012; ZIMMERMMANN et al, 2012; HAYON et al, 2013).

Cerca da metade de todas as mulheres diagnosticadas com câncer do colo do útero tem idade entre 35 e 55 anos e muito provavelmente foram expostas ao HPV na adolescência (LOPES et al, 2015). Assim, as intervenções educativas que recomendam aos adolescentes a usar preservativos de modo contínuo, a partir do início da sua atividade sexual, devem conter a dimensão do erotismo e da praticidade, e não somente do medo de se infectar com IST/HPV (COSTA et al, 2013; GRANDAH et al, 2017). Permitir que o adolescente tenha acesso aos preservativos não apenas nas UBS, mas pensar em possibilidades de que a escola possa colaborar para a intenção do adolescente sexualmente ativo em manter um comportamento sexual saudável, e assim, disponibilizar preservativos também na escola (SANCHES et al, 2013).

Na investigação atual, ao mesmo tempo que os adolescentes assumem que a vacina contra o HPV é um dos meios de prevenção ao vírus, simultaneamente, a maioria dos participantes refere não ter feito a sua utilização. A introdução no SUS da vacina quadrivalente para adolescentes é uma oportunidade a longo prazo de interrupção da cadeia transmissora do HPV. Entretanto, corroborando aos resultados do presente estudo, é possível verificar em outras pesquisas que há uma proporção importante de adolescentes na faixa etária preconizada à vacina que ainda se mantém relutante em recebê-la (JOSÉ et al, 2014; LOPES et al, 2015; ANTÔNIO et al, 2016).

As evidências realçam que a vacina apesar de eficaz na ação preventiva aos quatro tipos de HPV, não exclui a necessidade de realizar regularmente os exames preventivos de detecção a câncer e uso de preservativos nas relações sexuais, uma vez que há o risco de infecção por outros tipos oncogênicos de HPV (MARLOW et al, 2013; JURBERG et al, 2015; LUCIANO et al, 2017).

Essas confirmações possibilitam identificar o déficit existente entre conhecimento e comportamento de prevenção, o que revela uma lacuna no processo educativo de prevenção ao HPV entre os adolescentes. Resultados de outras pesquisas similares legitimam estas afirmações, quando a questão é a relação entre conhecimento e a prática preventiva de adolescentes com a vacina do HPV. Autores verificaram que o HPV foi muito citado, no entanto

a vacinação contra o vírus foi pouco referida pelos adolescentes (COSTA et al, 2012; DAHLSTRÖM et al, 2012).

Governo, escola e família possuem finalidades complementares e essenciais no desenvolvimento de adolescentes, no que se refere a forma de educá-los para comportamentos saudáveis para o exercício de sua sexualidade na prevenção ao HPV e outras IST, e assim, promover à sua saúde física e mental (JUBERG et al, 2015).

Ao analisar os resultados desta investigação é preciso considerar algumas limitações, a saber: o questionamento de aspectos referentes à sexualidade humana pode gerar desconfiança e constrangimentos em relação ao sigilo das informações fornecidas ao pesquisador. Para minimizar esta limitação, o instrumento de pesquisa foi anônimo e confidencial, além é claro de que a participação do adolescente foi voluntária. Todavia, é preciso ponderar que esta limitação afeta a quase totalidade das pesquisas que abordam sobre o tema, episódio que admite a comparabilidade dos seus resultados com os de outras investigações.

Outra limitação se refere ao fato de que o estudo foi realizado com alunos de uma escola que recebe ações de um projeto de extensão na área de enfermagem, cujos temas são voltados aos processos que envolvem o adolescer, o que, portanto, pode sugerir que os mesmos possuem mais acesso a informações sobre a temática investigada.

4. CONCLUSÃO

Alguns adolescentes participantes deste estudo estavam inseridos em atividades de um projeto de extensão da área da saúde, logo a maioria apresentou-se corretamente informada quanto aos conhecimentos relacionados à transmissão e prevenção do HPV, referindo manter práticas sexuais com uso de preservativos.

Ainda que a maioria tenha apresentado conhecimento adequado, evidencia-se que deve haver um maior investimento nas atividades de cunho educativo dos adolescentes para promoção da saúde e prevenção de doenças, com destaque para o HPV, tendo em vista a quantidade relevante de adolescentes que mencionaram não receber conhecimentos no tema.

Esta investigação busca suscitar, a partir dos resultados, a elaboração de novas formas de instrumentalizar os adolescentes para que conheçam adequadamente as complicações advindas da infecção pelo HPV e de orientá-los acerca da população de risco para adquirir o vírus.

Também é importante ressaltar que para as meninas adolescentes, o conhecimento do HPV aliado aos métodos preventivos é ainda mais urgente, uma vez que alguns aspectos sobre o tratamento e rastreamento das lesões do colo uterino ainda são controversos.

Conclui-se, ainda que, apesar da vacina ser um importante avanço científico na promoção à saúde de adolescentes, ela não substitui os métodos preventivos adotados até agora para o controle do HPV e outras IST. Adverte-se, portanto, quanto à importância de programas de educação sexual de modo contínuo para os adolescentes, que reforcem sobre o sexo seguro, o risco de IST ao se ter múltiplos parceiros sexuais e a importância do uso de preservativos.

REFERÊNCIAS

BOYCE, T.; HOLMES, A. Addressing health inequalities in the delivery of the human papillomavirus vaccination programme: examining the role of the school nurse. **PLoS ONE**, v.7, n.43416, 2012.

CHEHUEN NETO, José Antonio et al. Atitudes dos pais diante da vacinação de suas filhas contra o HPV na prevenção do câncer de colo do útero. **Cad. saúde colet.** [online]. 2016, vol.24, n.2, pp.248-251. ISSN 1414-462X.

CIRINO, FMSB; NICHATA, LYI; Borges ALV. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. **Esc Anna Nery**. 2010 Jan-Mar; 14(1):126-34.

COSER, J, Fontoura S; BELMONTE, C; VARGAS, V. Relação entre fatores de risco e lesão precursora do câncer do colo do útero em mulheres com e sem ectopia cervical. **RBAC**. 2012;44(1):50-4.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus; LINS, Anamaria Gomes; ARAÚJO, Márcio Flávio Moura de; ARAÚJO, Thiago Moura de; GUBERT, Fabiane do Amaral; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 34(3), 2013, 179-186.

COSTA, Larissa Aparecida; GOLDENBERG, Paulete. Human Papillomavirus (HPV) among Youth: a warning sign. **Saúde Soc.** São Paulo, v.22, n.1, p.249-261, 2013.

DAHLSTRÖM, LA; SUNDSTRÖM, K; YOUNG, C; LUNDHOLM, C; SPARÉN, P, Tran TN. Awareness and knowledge of human papillomavirus in the Swedish adult population. **J Adolesc Health**. 2012;50(2):204-6.

FERREIRA, Catarina; MATOS, Ana Andreia; OLIVEIRA, Barros; BETTENCOURT, Joana. Cancro do Colo do Útero: o que sabem as jovens?. **Rev Port Med Geral Fam** [online]. 2013, vol.29, n.4, pp.226-234. ISSN 2182-5173.

FRANCO, EL; SANJOSÉ, S; BROKER, TR; STANLEY, MA, CHEVARIE-DAVIS, M; ISIDEAN, SD, et al. Human papillomavirus and cancer prevention: gaps in knowledge and prospects for research, policy, and advocacy. **Vaccine**. 2012;30 (Suppl 5):F175- 82.

FREGNANI, JHTG; CARVALHO, AL; ELUF-NETO, J; RIBEIRO, KCB; KUIL LM; SILVA, TA, et al. A schoolbased human papillomavirus vaccination program in Barretos, Brazil: final results of a demonstrative study. **PLoS One**. 2013;8(4):e62647.

GRANDAHL, M; LARSSON, M; TYDEÂN, T; STENHAMMAR, C. School nurses' attitudes towards and experiences of the Swedish school-based HPV vaccination programme ± A repeated cross sectional study. **PLoS ONE** 12(4): e0175883, 2017.

HAYON, R; DALBY, J; PADDOCK, E; COMBS, M; SCHRAGER, S. Reproductive health care of adolescent women. **JABFM**. 2013;26(4):460-9.

JURBERG, Claudia; MACHADO, Gabriel de Oliveira Cardoso; BIANCOVILLI, Priscila; LIMA, Fernanda Torres; VERJOVSKY, Marina. Knowledge about HPV among adolescents during the vaccine Campaign. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 29-36, out/dez 2015

MACÊDO, FLS; SILVA, ER; SOARES, LRC; ROSAL, VMS; CARVALHO, NAL; ROCHA, MGL. HPV infection in adolescente. **FEMINA** | Julho/Agosto 2015 | vol 43 | nº 4

MARLOW, LAV; ZIMET, GD; MCCAFFERY, KJ; OSTINI, R; WALLER, J. Knowledge of human papillomavirus (HPV) and HPV vaccination: an international comparison. **VACCINE**. 2013;31(5):763-9.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST**. Ano VIII - nº 1 - 01ª a 26ª - semanas epidemiológicas - janeiro a junho de 2011. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Contagem Populacional**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

OKAMOTO, Cristina Terumi et al. Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. **Rev. bras. educ. med.** [online]. 2016, vol.40, n.4, pp.611-620. ISSN 0100-5502.

PANOBIANCO, Marislei Sanches; LIMA, Aline Daiane Faim de; OLIVEIRA, Iácara Santos Barbosa; GOZZO, Thais de Oliveira. Knowledge concerning HPV among adolescent undergraduate nursing students. **Texto contexto - enferm.** [online]. 2013, vol.22, n.1, pp.201-207. ISSN 0104-0707.

PELIZZER, Thaisa et al. Prevalência de câncer colorretal associado ao papilomavírus humano: uma revisão sistemática com metanálise. **Rev. bras. epidemiol.** [online]. 2016, vol.19, n.4, pp.791-802. ISSN 1415-790X.

QUINTERO, Katherine et al. Genótipos de vírus de papiloma humano em carcinoma de células escamosas de cabeça e pescoço na Colômbia. **Braz. j. otorhinolaryngol.** [online]. 2013, vol.79, n.3, pp.375-381. ISSN 1808-8694.

RODRIGUES, Douglas Antonio et al. Prevalência de atipias citológicas e infecção pelo papilomavírus humano de alto risco em mulheres indígenas Panará, povo indígena do Brasil Central. **Cad. Saúde Pública** [online]. 2014, vol.30, n.12, pp.2587-2593. ISSN 0102-311X.

ROSA, M; MOHAMMADI, A. Cervical cytology and human papillomavirus testing in adolescent women: implications in management of a positive HPV test. **Pathology Research International**. 2014;4:1-4.

ROSEN, B. L; GOODSON, P; THOMPSON, B; WILSON, K. L. School nurses' knowledge, attitudes, perceptions of role as opinion leader, and professional practice regarding human papillomavirus vaccine for youth. **J Sch Health**, v.85, p.73-1, 2015.

SEPULVEDA-CARRILLO, Gloria Judith; GOLDENBERG, Paulete. Conhecimentos e práticas de jovens sobre a infecção pelo papiloma vírus humano: uma questão re-atualizada. **Rev Colomb Obstet Ginecol** [online]. 2014, vol. 65, n. 2, pp. 152-161. ISSN 0034-7434. <http://dx.doi.org/10.18597/rcog.63>.

TEIXEIRA, Lisiane Ortiz et al. Frequência do Papilomavírus Humano na placenta, no colostro e no sangue do cordão umbilical. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** [online]. 2015, vol.37, n.5, pp.203-207.

TRONCO, Cristina Benites; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.** [online]. 2012, vol.5, n.2, pp. 254-269.

ZIMMERMANN, J; MACHADO, T; BASTOS, D; SANTOS, H; SIMÃO, R. Aspectos ginecológicos e frequência de infecções do trato genital inferior em pacientes adolescentes e adultas: existem diferenças? **Rev HCPA**. 2012;32(2):169-76.